



Julio Cortázar e/ou o cosmopolitismo militante

Julio Cortázar and/or the militant cosmopolitanism

Paulo Sergio Nolasco dos Santos¹

Resumo: Tomando como perspectiva o lugar e o compromisso intelectual de Julio Cortázar como escritor latino-americano, este artigo procura revisitar aspectos centrais da poética cortazariana, não em suas confluências estéticas, mas também na ótica da crítica literária contemporânea, com ênfase especial na memória e no elevado nível do nome e da obra deste escritor latino-americano.

Palavras-chave: Julio Cortázar; literatura latino-americana; compromisso literário

Abstract: Taking as the perspective of place and intellectual commitment of Julio Cortázar as a Latin American writer, this article aim to revisit central aspects of Cortázar's poetics, not only in their aesthetic confluences, but also in the optics of contemporary literary criticism, giving especial emphasis on the memory and the high level of the name and literary works of this Latin American writer.

Keywords: Julio Cortázar; Latin American literature; literary compromise

Numa conferência sobre o conto, proferida em fins de 1962, em Cuba, Julio Cortázar diz sentir-se um fantasma diante de um auditório que ignora seus contos. Predestinada a tornar-se célebre pela originalidade com que tópicos inerentes ao papel do escritor e da literatura na América Latina são enfocados, a aludida conferência desperta a nossa atenção na medida em que aponta para uma reflexão sobre a narrativa do próprio Autor num contexto latino-americano e pelo pertinente questionamento que desenvolve acerca dessa literatura, no subcontinente, e a conseqüente correspondência com a cultura europeia. Vários pontos de análise podem ser ali destacados.

Tentaremos, aqui, nos aproximar do lugar de onde fala o Autor, e, pelo reconhecimento desse lugar, desenvolver uma reflexão em torno da questão do particular e do universal. Segundo esse vetor, qualquer perspectiva sobre a questão do nacional hoje está marcada profundamente pela questão do internacional.

¹ Doutor em Literatura Comparada; Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da UFGD; Pesquisador do CNPq. Especializou-se na obra do escritor Julio Cortázar, desde a dissertação de mestrado (inédito); autor de *Nas malhas da rede* (1998).

Se Cortázar abre sua conferência salientando a situação “paradoxal” em que se encontra, ou por referir-se ao quase desconhecimento do auditório em relação aos seus contos, uma vez que ninguém chegou jamais às condições de escritor sem haver passado antes pela condição de leitor, igualmente para o estudioso da literatura latino-americana “ser paradoxal” parece condição irrecorrível. Explicando: se quero reconhecer o valor de uma literatura, se quero enaltecê-la no que é próprio, particular e singular, imperativo se torna confrontá-lo com outras literaturas – perscrutar o diálogo e a citação infinita que preenchem o espaço literário. O paradoxal parece marcar toda fala sobre a literatura. Pensando em termos comparatistas, à ideia de paradoxo – que parecerá a marca da poética cortazariana – fará contrapor-se o perfil de uma literatura e sua face voltada para outra, impondo ao analista um olhar comparativo que, ultrapassando os limites de fronteira, possa restabelecer os elos da corrente e também possa reconhecer a literatura numa acepção mais ampla. Neste particular, os estudos de literatura comparada ganham relevo ao enfatizar que o conhecimento de uma literatura nacional somente se completará à luz da sua correspondência com as demais literaturas, assim contribuindo mais eficazmente para o conhecimento da literatura enquanto fenômeno. Sob a perspectiva de identidade nacional e orientação estrangeira, a literatura comparada acaba por alargar o diálogo não só entre as literaturas e as culturas, mas também amplia os métodos de abordagem do fato e do texto literários. Entretanto, um ponto basilar está sempre presente nos manuais comparatistas, qual seja, o de “não separar a atividade intelectual, a escrita, em suma, o texto, por mais singular que seja esta prática, do contexto cultural e sociológico” (MACHADO;PAGEAUX, 1988, p. 10)

A condição de viver paradoxalmente constitui o vetor da crítica de Cortázar à situação do escritor na América Latina. Convém notar primeiro que Cortázar, acentuando o lugar da leitura, da sua prioridade em relação ao escrever, quer chamar a atenção para o aspecto mais crucial sobre a condição da cultura e sua difusão. Ausente de seu lugar, o leitor não desempenha o papel que lhe é atribuído, ou seja, o de pôr em processo o seu desejo de identidade nacional, confrontando-se com culturas mais antigas e mais aguerridas, para fazer, então, irradiar a revolução do “transformar-se em si mesmos” – Cortázar se utiliza da fórmula de Mallarmé. Somente a partir do democrático exercício da leitura, nas palavras de Cortázar, os povos poderão “descobrir sua própria face sob as máscaras atávicas, máscaras vendidas ou compradas, máscaras impostas do exterior e do interior” (*Apud* MOURÃO; NEPOMUCENO, 1984, p. 20). Mas, em Cortázar, desde o caráter extremamente singular de

sua narrativa, consagrado como autor de contos magníficos, mais o fato do exílio voluntário em Paris, até os aforismos explorados pela imprensa, quando de sua morte em fevereiro de 1984 – “Sei onde tenho o coração e por quem ele bate” e “preciso da Europa para ver a América Latina” –, tudo deve ser visto sob o signo do que é “paradoxal”. Um breve olhar sobre sua produção contística, sem mencionar *Rayuela* (1967), já permite vislumbrar que seus contos não contêm o que se convencionou chamar cor local, nem o ritmo regional do país, tampouco suas personagens têm nacionalidade definida.

A posição de Cortázar, no que se refere à sua intransigência para com uma arte de fácil assimilação, e as críticas dirigidas ao seu intelectualismo e cerebralismo, há que ser compreendida no confronto com o “real americano”, quer dizer, com o contexto sócio-político. No caso de Cortázar, o particular e o regional tendem a tornar aguda sua consciência de escritor latino-americano, lançando-o num universal onde quem acaba ganhando é o homem – “El hombre nuevo”, na acepção de Graciela de Sola (1968) – que exige abertura de espírito. Seu apurado senso de cosmopolitismo redonda num antídoto seguro contra toda forma de enclausuramento, de nacionalismo extremado e de chauvinismo estéril.

A obra de Cortázar, deixando-se marcar como literatura experimental, de vanguarda, convida à reflexão sobre a questão do nacional e do universal. Assim, na relação vanguarda vs. subdesenvolvimento dois pontos se sobressaem: um diz respeito à proposta modernista que acentuou o caráter universal – de patrimônio cultural –, de abertura de uma literatura para outras literaturas. Ao que Cortázar acaba por justificar que “viver como contista num país onde esta forma expressiva é um produto quase exótico, obriga forçosamente a buscar em outras literaturas o alimento que ali falta” (CORTÁZAR, 1974, p. 149) Outro, referindo-se ao polo do colonizado – a cultura latino-americana –, que, observando uma vasta cultura europeia passa a explorar o experimentalismo, deglutição daquela – deglutição de que o “antropofagismo” de Oswald de Andrade é ilustrativo. Daí não ser pertinente, na ótica de um quadro geral da cultura, pensar num caráter de “formação” ou de “imaturidade” no que toca à literatura latino-americana. É preciso não se esquecer de que naquela relação o rótulo de “subdesenvolvido” não explica a complexidade da vida cultural (CAMPOS, 1983). Antes, é decorrente deste estado de complexidade o fato de assistirmos a um reordenamento da cultura que reformula relações entre tradição e modernidade literária e entre o culto e o popular no plano cultural. Assim, torna-se cada vez mais difícil sustentar, no plano da reflexão teórica, uma perspectiva eurocentrista ou norte-americana na crítica literária latino-americana. Quer venham de Octavio Paz, quer venham de Julia Kristeva, as reflexões sobre

a identidade, sobre o particular, desmistificam toda associação de uma determinada cultura com o universal, sob a alegação de uma pretenciosa dívida cultural. Se, para o primeiro, não há mais centro nem periferia, uma vez que “todos nos transformamos em seres periféricos, até os europeus e os norte-americanos” (PAZ, 1984, p. 151), para Julia Kristeva, o estar à *margem*, na ausência de um centro, poderá representar o sentimento de estrangeiro como *topos*, como lugar da própria reflexão sobre a identidade cultural:

Uma comunidade paradoxal está prestes a surgir, feita de estrangeiros que se aceitam na medida em que eles se reconhecem estranhos a si próprios. A sociedade multinacional será assim o resultado de um individualismo extremo, mas consciente de seu mal-estar e de seus limites, conhecendo apenas irreduzíveis auxiliares na sua fraqueza que tem como outro nome a nossa estranheza radical. (KRISTEVA, 1994, p. 205)

Com efeito, toda a problemática suscitada constitui-se percurso fundamental e ainda não esgotado no confronto do literário com a teoria literária. É preciso ver o compromisso do escritor Julio Cortázar, com toda a gama de ambiguidade que esta palavra carrega, enquanto êmulo de uma literatura que não se permite concessões de natureza dúbia e interesses mesquinhos ou imediatistas. Ideia essa que Cortázar deixou nítida na conferência de Cuba ao alertar para o fato de que grandes equívocos se cometem sob o escudo de uma literatura popular. Se uma é a tarefa pedagógica e outra a literária, “seria ingênuo crer toda grande obra possa ser compreendida e admirada pela gente simples, não é assim e não pode sê-lo. (CORTAZAR, 1974, p. 162). Se os temas das obras contêm uma mensagem autêntica, enfatiza o escritor, e, assim, libertando-se de qualquer imperativo de caráter didático ou proselitista, elas poderão atuar de modo eficaz na história da literatura, senão por falarem com mais propriedade da dignidade humana, mas por acertarem na escolha estratégica de uma crítica ao institucionalizado, obrigando à revisão do que estava estereotipado por um modo de olhar habitual e caseiro. Daí, Cortázar enfatizar que em Cuba era mais revolucionário escrever contos fantásticos do que falar abertamente sobre a própria revolução.

É curioso notar como o compromisso do escritor por vezes se estende para os limites da crítica a uma moral tacanha e bizarra, tão próprio da pequena burguesia que privilegia o

acúmulo de bens materiais, descurando-se da importante e necessária largueza de ideias e ampliação de valores. Um dos episódios que pode ser ilustrativo de sua crítica ao nacional é mencionado a propósito do conto “Senhorita Cora”. Relato comentado no ensaio “Que saiba abrir a porta para ir brincar”, frase que figura em *Rayuela*, no qual Cortázar refere o fato de o erotismo aparecer sempre etiquetado dentro de parâmetros de lençóis e travesseiros, e ironiza aquele latino que não admitia ser medicado via retal, pois se sentia humilhado; e pondera: “Ria, companheiro, mas a Europa tem o ânus mais livre que o senhor e isso conta para a maturidade literária” (CORTAZAR, 1974, p. 239). Episódio que, reflexivamente, aparece em *Rayuela*, onde a personagem se refere à emoção com que colocara o primeiro supositório (p. 239) Metáfora essa que aponta para os polos colônia *versus* metrópole e ao mesmo tempo denuncia a natureza questionadora do escritor e o seu modo de inserção num contexto de América Latina. Inserção que passa pela metáfora do corpo, de um corpo aprisionado num moralismo estreito. Moralismo que tem se limitado ao sexo (e isto é trágico na nossa condição de povos aspirantes à maioria) e que é, por conseguinte, estreito e completamente fora de foco, pois deveria orientar-se para a honestidade dos homens, para a preocupação com o cumprimento dos deveres e com a correção dos encargos. Da mesma verve brotam o ressentimento, a inveja, o confronto que não perdoa a superioridade do outro. Daí decorre que a vida da sociedade é, muitas vezes, uma farsa que seria grotesca se não fosse trágica. O homem, relutando em aprender que não pode ser feliz sozinho, ignora que o fiador da sua felicidade é o Outro. Mas a crítica de Cortázar, procurando refundir o homem novo, “que saiba abrir a porta para ir brincar”, passa insidiosamente para o corpo da língua, uma vez que o subdesenvolvimento nos impõe a pior das proibições: a patologia da escrita. Assim como cada gesto que antecede o ato amoroso – beber, olhar-se, conhecer-se, falar qualquer coisa –, logo situando-o acima do umbigo, também para a língua é preciso intuir-se que a timidez verbal pode encontrar fomentada “entre as melhores armas do inimigo”. (CORTAZAR, 1974, p. 239)

Em entrevista ao jornal *El Periodista*, Cortázar lamenta – apesar da simpatia demonstrada aos países envolvidos numa revolução, e se refere a Cuba e aos dirigentes sandinistas explicitamente, pelos equívocos que cometem – o “dano espantoso”, mencionando o “maldito machismo latino-americano”, e arremata: “Tenho a sensação de que toda a revolução está em perigo, sobretudo em perigo de autotrair-se”. (*Apud* SZPUNBERG, 1985, p. 36)

No ensaio “Encontros de Culturas”, que abre a coletânea *América Latina em sua Literatura*, Rubén Saguier, desenvolvendo a “síntese atual”, utiliza-se de uma citação de Cortázar rumo à definição da identidade latino-americana. Reduto de aportações culturais diversas e que por isso resultam conflituosas, contraditórias, o que confirma e corresponde à noção de Alejo Carpentier sobre os “contextos” latino-americanos – peculiaridades de Países novos, sem raízes históricas ou raciais, de grande caldeamento de povos como o nosso Brasil –, disso resulta a chave da diversidade. Para Carpentier, que recoloca a questão do desenvolvimento sobre parâmetros de um contexto cultural, tecendo uma crítica àqueles que tentaram ver em nossa rica assimilação de cultura estrangeira um subdesenvolvimento cultural e intelectual, e, assim, não percebendo que subdesenvolvimento econômico não apresenta implicação no contexto cultural, “informar-se não é sinônimo de submeter-se”. Assim visto, compreender, conhecer não é equivalente de deixar-se colonizar. Por ser um produto de várias culturas, por dominar várias línguas e corresponder a diferentes processos, legítimos, de transculturação, o escritor latino-americano encarna a própria possibilidade de universalização.(CARPENTIER, s/d). Daí os escritores renunciarem à descrição linear e superficial do meio sócio-cultural, pois, ao acentuar a negação da intenção ética explícita, visam a “abordar em sua maior diversidade e complexidade, na descontinuidade problemática, contraditória, de que se reveste o contorno sócio-histórico de um continente subdesenvolvido que oscila entre dois polos antagônicos; a revolução e a dependência total”.(SAGUIER, 1972, p.23) Na síntese de Saguier, apropriando-se da citação de Cortázar, o conceito de conteúdo se alarga no sentido de abarcar a multiplicidade de uma realidade a um só tempo “mítica, alegórica, legendária ou simplesmente cotidiana”.

A situação do intelectual latino-americano foi objeto da “Carta” de Cortázar a Roberto Fernandes Retamar.(CORTAZAR, 1989, p. 265) Nessa carta o autor procura situar-se entre o compromisso do escritor, fiel, antes de tudo, à sua verdadeira vocação e a do escritor que se engaja politicamente. Alega que, se circunstâncias contextuais podem querer estrangê-lo, vai preferir falar sobre o lugar de um “ente moral”, sem que nacionalidade e vocação sejam as razões determinantes de suas palavras. Elege uma perspectiva “muito mais européia que latino-americana e mais ética que intelectual”, repudia os intelectuais de bandeira em punho e diz que o problema do intelectual contemporâneo é um só: a paz fundada na justiça social. Para Cortázar, permanecer na Argentina lhe teria significado maturidade intelectual diferente da que conquistou na Europa; por mais perfeita e satisfatória

possível, sua obra não teria o cunho de incitação, provocação e fraternidade – razões porque é lida em toda parte, na Argentina inclusive –, antes de interessar particularmente aos historiadores da literatura, às fichas bibliográficas e à classificação estética.

Invocando o *ethos* de um socialismo que venha merecer tal nome, Cortázar almeja um princípio ético sob o qual possa, um dia, cessar a exploração do homem pelo homem. E, por não se sentir um escritor de esquerda, diz que ainda em circunstâncias diferentes escreveria e viveria tal como fez, num “estado em que a intuição, a participação ao modo mágico no ritmo dos homens das coisas, decidiu meu caminho sem dar nem pedir explicações”. (CORTAZAR, 1989, p. 265) Segundo Cortázar, é de lamentar-se o fato de intelectuais que conhecem a fundo a filosofia marxista e, entretanto, atuam com uma conduta reacionária no plano pessoal e que, paradoxalmente, ele se encontra carregado com o peso de uma vida assentada na filosofia burguesa, porém cada vez mais enveredando-se por um socialismo de fato. Consciência que se sobreleva a partir do regresso do escritor à França, de onde pôde ver, com o olhar distanciado, que seu compromisso pessoal e intelectual, orientando-se para um terreno de definições concretas, deverá originar-se da escolha de razões de liberdade estética, que o fizeram “escrever um romance que ocorre praticamente fora do tempo e do espaço histórico. Apesar de decepcionar aos catequistas e aos propugnadores da arte a serviço das massas, continuo sendo esse cronópio que (...) escreve para seu regozijo ou seu sofrimento pessoal, sem a menor concepção, sem obrigações latino-americanas ou socialistas entendidas como a priori pragmáticos”. (CORTAZAR, 1989, p. 265) Uma anedota é lembrada por Cortázar. Trata-se de uma célebre romancista que, em Buenos Aires, com rompantes de patriótica indignação, protestou que os prêmios somente deveriam ser dados aos residentes no país. Equívocos que sintetiza outros, como o dos escritores que superaram Cortázar em muitos terrenos, sem, contudo, que suas obras travassem o combate fraternal que *Rayuela* faz preservar. Seria o caso de ponderar que, para além dos supostos limites de fronteiras, a questão do escritor moderno sobrepõe-se aos constrangimentos de uma geografia bem cartografada. A derrubada das tradicionais fronteiras em questões literárias e culturais foi um dos traços definidores do modernismo. Daí que, para o escritor latino-americano, ser argentino, equatoriano ou chileno é apenas mais uma causalidade irrelevante na vida; como testemunhou Vargas Llosa, a ideia de pátria extrapola limites e concepções de um nacionalismo exaltado. (LLOSA, 1971)

A participação na vida nacional não se mede pela permanência física de um “passaporte”, ou pela aparência de quem vai a uma missa, pois, na maioria das vezes, tem-

se apenas um corpo presente. A noção de participação pela proximidade física pode ser enganosa, quando não o é totalmente equivocada. Ao final da Carta, Cortázar faz finca-pé na relação osmótica escritor vs. homem: o escritor não pode escrever quando não se sente partícipe do destino histórico do homem, o que é legítimo, pois a participação é responsabilidade e obrigação que se permite transcrever até mesmo nas obras de pura imaginação, ainda que essas obras “inventem a infinita gama lúdica de que é capaz o poeta e ao novelista , ainda que jamais apontem diretamente essa participação”. (CORTAZAR, 1989, p. 265)

As observações formuladas por Cortázar, na Carta, de modo especial as que se referem à escrita de suas obras, à preocupação com a prática escrita-leitura, que vai ser uma constante no seu universo, tudo parece encontrar ressonância na teoria borgeana da escrita-leitura, conforme o estudo que Beatriz Sarlo dedica ao cosmopolitismo buenairense, inscrevendo-o numa “modernidade periférica”. Cortázar, discípulo mais direto de Borges, também vai sob certo ponto de vista universalizar os temas da literatura argentina: “Mas, qual é a universalidade postulada? Pergunta-se Beatriz Sarlo, para em seguida postular uma universalidade que quer “colocar-se, com astúcia, nas margens, nas retiradas, nas zonas escuras, das histórias centrais”. (SARLO, 1988, p. 49) Assim, a intervenção de Cortázar dá-se na linha de “renovação”, signo tão bem explorado pela autora ao acentuar o desvalor da legibilidade; o que conta é pôr em processo opções estéticas que visam a afetar “a produção literária e também a recepção e as expectativas dos leitores”. A renovação, pautando-se na leitura, pressupõe (ou exige) “um público disposto a realizar operações bastante complicadas, oposta à espontaneidade de outras leitura em vias de institucionalização. E a autora mostra enfaticamente que o estatuto da renovação se firma enquanto categorias de “operações fundadoras”. De um lado, os tradicionalistas, que não aceitam o risco de uma arte amável com os sentimentos, de outro, os escritores que convocam um “novo leitor” para além da ética pedagógica, vanguarda que procura mostrar, exhibir, provocar e não educar, aqui vale ressaltar: para a ética da renovação, o “novo leitor” exerce papel similar ao do escritor, intervindo na literatura, pois, lê-escreve o novo criticamente. Ao descrever três formas de operações fundadoras na nova literatura Argentina, Beatriz Sarlo refere a relação da “literatura com o povo”, onde situa a releitura da tradição conectada à textualidade da vanguarda e ao “sistema reformulado das literaturas estrangeiras”.

É curioso observar que a atividade à crítica dos sentimentos, empresa radicalizada por Borges notadamente, seguido por Cortázar, na forma de um “labirinto de reflexos” – na

acepção de Sarlo –, tem o caráter de espelho deformante a refletir uma cultura que aponta o dedo para sua própria máscara .

A formação cultural e social da Argentina é um simulacro no sentido duplo: dissimulação de um mundo que é a natureza e, portanto, vazio anticultural; e simulação de uma cultura que só adere à superfície pampeana sem penetrá-la. Tudo o que em outras culturas é ‘profundo’, ali é efeito de uma construção superficial de sentidos que não se relacionam com uma ‘verdade’ existente. (SARLO, 1988, p. 104-5) Retomando a ideia de Sarlo, de labirinto de reflexos como recorrência de um teoria da escrita-leitura, pode-se pensar a obra cortazariana enquanto questionadora das possíveis limitações do simbolismo linguístico-literário. Daí, o caráter abissal do texto que se transforma em metatexto que se autopesquisa, numa espécie de dúvida metódica. Pelo recurso à língua literária o escritor parece pressupor o desmantelamento de uma realidade – o mundo classificado tal como é dado pela língua natural – e a consequente construção de outra – esta imposta ao mundo pela língua e estilo específicos do escritor. Espaço que só se dá a perceber fora dos discursos sociais, onde escritores e obras, na exclusão dos sistemas, querem se inscrever.

Em Cortázar, o exílio quer se tornar escudo de um texto resistente às leituras oficiais; um lugar intersticial entre o exílio e o desterro, para lembrar um pouco os fulgores do simulacro, na observação de Nicolás Rosa. Este crítico argentino, apontando para o lugar e função da crítica que possa ombrear com o objetivo literário, (ROSA, 1987, p. 10), faz ressoar a crítica de Cortázar àqueles que, equivocadamente, pensaram estar elogiando *Rayuela*, quando, na verdade, (re)inseriam-na mais dentro da tradição novelística, dentro de um terreno familiar e ortodoxo e, assim, classificando-a, menosprezaram sua conquista maior de “denúncia imperfeita e desesperada do *establishment* das letras, simultaneamente espelho e tela o outro *establishment* que está fazendo de Adão (Adán), cibernética e minuciosamente, o que denuncia seu nome logo que o lemos ao contrário: nada. (CORTAZAR, 1974, p. 165)

Retomando nossa proposição inicial, a de tentar indicar que marcas se podem perceber na fala do escritor – o lugar da fala – representa um componente de “compreensão” que tem ramificações: por um lado, descortina-se o diálogo do escritor com a tradição literária e seu caráter de renovação; por outro, interessa indagar sobre o caráter dialógico e, por assim dizer, contextual, que, possivelmente, sua obra engendra enquanto literatura de América Latina. A partir do ensaio de Silvano Santiago (1978, p. 12), que pede de empréstimo a Julio Cortázar um episódio envolvendo o protagonista de *62 modelo para*

amar, gostaria de fazer alusão ao ali comentado e, então, sintetizar esse raciocínio. Partindo da riquíssima metáfora da “leitura”, o ensaísta brasileiro retoma a questão borgeana acerca da problematização da leitura – o *Pierre Menard*, autor de *Quijote*, esse leitor infatível: assim, o escritor latino-americano é visto como o “devorador de livros”, livros que formam o paradigma do modelo, do já-escrito, do texto primeiro, do que resulta o papel do escritor como uma prática de assimilação e – nessa prática – a construção/ produção de “um novo texto que afronte o primeiro e muitas vezes o negue”.(SANTIAGO, 1978, p. 25) E o que medeia referida prática e outra, a da leitura (na perspectiva do leitor, da recepção, essencialmente), são, *grosso modo*, processos paródicos/parafrásicos, que já na sua execução/arranjo rechaçam a “leitura fácil”.

Na perspectiva do “entre-lugar”, as obras instauram a ruptura e criam um impacto tendente a estimular o “leitor a encarar criticamente a seu país, despertando-o da modorra de otimismo convencional em que o mergulhara a ideologia patrioteira dominante”. (SANTIAGO, 1978, p. 28) Ou, como arremata Silviano Santiago, a proposta do descondicionamento, antes de ser a tarefa exclusiva do escritor, é a um só tempo o papel do escritor, do crítico e dos teóricos latino-americanos. O compromisso agora traduz-se em “descondicionar o leitor, tornar impossível sua vida no interior da sociedade burguesa e de consumi. A leitura fácil dá razão às forças neocolonialistas que insistem no fato de que o país se encontra na situação de colônia pela preguiça dos seus habitantes”. (SANTIAGO, 1978, p. 28)

À ideia de paradoxo, desde o início aludida, é preciso contrapor, simultaneamente, a crítica das contradições posta em relevo na vida e na obra de Julio Cortázar. Luiz Boaz, em ensaio reunido em *Homenaje a Julio Cortázar* (1972), assinalou, no item “Cortázar e suas contradições”, pontos interessantes acerca do escritor “argentino que escreve em Paris”, sobre o caráter metafórico que divide *Rayuela* em “Do lado de lá” e “Do lado de cá”, e destaca também, daí, a epígrafe de Apollinaire: “Hay que viajar lejos amando su casa”. Tomando como objeto da contradição o poema *Los reyes* de Julio Cortázar, o crítico indaga sobre o que uma obra cujo tema é o mito de Teseu, vencedor do Minotauro, põe em tensão na sua relação com os problemas argentinos e latino-americanos... Analisando antes de tudo o caráter da inovação formal porque passou o poema grego, Luis Bocaz faz a aproximação entre esse poema e o ambiente histórico e cultural da época de sua publicação. Assim, revendo a repercussão do fenômeno peronista com toda a vasta proliferação de um nacionalismo exacerbado senão estreito, depreende-se que a extrema exigência de Cortázar em relação ao literário firma-se na contradição, somente aparente, de que o grande poeta se

adianta a seu tempo, mas simultaneamente nega-se a renunciá-lo, antes, apóia-se “com firmeza em seu solo para dar o salto”. A citação de Cortázar explorada pelo crítico é a seguinte: “Alguns de nós começamos nessa época nossa própria obra, que não teria sido o que foi se não houvéssimos tido tanta impertinente exigência literária para o nacional”. (Apud BOCAZ, 1972, p. 449)

Com efeito, se a atualização do mito engendra-se na perspectiva de uma possível *evasão*, esta há que ser compreendida no rechaçamento posto em marcha pelo Autor a toda a literatura submissa às exigências de uma “argentinidade localista” – à margem da estética renovadora. Assim, a *evasão* quer-se inscrever nos parâmetros de “fusão numa arte crítica de uma problemática moral, não moralizante, e numa problemática estética, não estetizante”. (Apud BOCAZ, 1972, p. 449) Elegendo o lugar do que é paradoxal e “isolando-se numa posição inserta na tradição européia”, Cortázar padece das profundas contradições do escritor latino-americano. Nega-se a verificar e a reconhecer uma argentinidade que não aceita, e o faz transformando sua obra numa empresa de exploração da realidade aparente. Daí, a transformação do mito aceder à categoria do fantástico (ironia, humor, grotesco), na denúncia deformante daquela realidade aparente.

A escrita do silêncio em Julio Cortázar parece querer excluir-se dos sistemas e esquivar-se das leituras oficiais. O escritor, em *Prosa do observatório*, desenvolveu uma ideia-conceito tão rica quanto diáfana de uma teoria que é reflexo da fita de Moebius. A figura central de *Prosa*, uma “enguia”, constitui a imagem-metafórica da crítica cortazariana a toda pretensão de cientificidade, que tudo quer aprisionar e categorizar através de uma nomenclatura. Sua teoria da fita de Moebius propugna por uma concepção de abertura para o Homem, pois que tudo parece ser visto sob a ótica de uma *reptação* ou *imperspectiva*, de “de uma figura do mundo onde a conciliação é possível, onde anverso e reverso deixarão de se desgarrar, onde o homem poderá ocupar o seu posto nessa jubilosa dança que alguma vez chamaremos realidade”. (CORTAZAR, 1974, p. 73)

Em Cortázar só resta a escolha de uma leitura norteada pela *imperspectiva*, que esboroe não só as noções de espaço e tempo, mas qualquer vetor ou eixo axiomático.

À guisa de conclusão, com Cortázar assiste-se a um combate fraternal que se ancora numa concepção globalizante do homem e do mundo. O escritor, protegendo-se de um provincialismo literário, põe em agenciamento forças que sejam representativas de sua passagem com armas e bagagens para o lado do homem. Passagem que tem um caráter de assunção *do e pelo* dilaceramento. Pelas voragens do dilaceramento, o escritor exercita uma

tomada de consciência que, sem abrir mão das próprias singularidades contextuais das quais sua obra emergiu, visa a um todo mais amplo, ou seja, à tradição literária ocidental. Como num conto de Borges (*Deutsches Requiem*), trata-se de assegurar ao homem a dignidade de aspirar à plenitude, à soma de experiências, uma vez que não há homem que não tema ser lesado em alguma parte desse patrimônio infinito.

À maneira de uma “enguia, ou de uma fita de “Moebius”, Cortázar está sempre reinventando seu lugar. No seu jogo da amarelinha (*Rayuela*), a figura do mundo é conciliação de anverso e reverso, “salto que deixe para trás uma ciência e uma política em nível de caspa, de bandeira, de linguagem, de sexo encadeado”. Num mundo assim figurado é preciso sair às ruas e respirar ar de homens que vivem e não o da teoria de homens numa sociedade melhor. Elegendo seu lugar no dilaceramento, na *imperspectiva*, o escritor alerta para a complexidade do ato de falar pelo outro e de ler o Outro. Seu lugar é o lugar de um des-condicionamento e a luta que trava é contra as concepções passivas e enlatadas do olhar condicionado.

Bibliografia

BOCAZ, Q. Luis. “Los reyes’ o la irrespetuosidad ante lo real de Cortázar. In: GIACOMAN, Helmy F. (ed). **Homenaje a Julio Cortázar**. Madrid: Las Américas, 1972, p. 445-455.

CAMPOS, Haroldo de. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. **Boletim Bibliográfico: Biblioteca Mário de Andrade**. v. 44, n.1/4, jan./dez. 1983, São Paulo, Sec. M. de Cultura.

CARPENTIER, Alejo. **Literatura e consciência política na América Latina**. São Paulo: Global, s/d.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Trad. Sel. Org. Davi Arrigucci Junior. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 257. Capítulo 6: Alguns aspectos do conto.

_____. **Valise de cronópio**. Trad., Sel. Org. Davi Arrigucci Junior. São Paulo: Perspectiva, 1974. 257. Capítulo 18: Que saiba abrir a porta para ir brincar.

_____. **O jogo da amarelinha**. Trad. Bernardo de Castro Ferro. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 239.

_____. **Prosa do observatório**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiro para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LLOSA, M. Vargas. **A casa verde**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1971. Posfácio: História secreta de um romance.

MACHADO, Álvaro Manuel & PAGEAUX, Daniel Henri. **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura**. Lisboa: Edição 70,1988.

MOURÃO, G. M. & NEPOMUCENO, Eric. Cortázar: ler um livro é sempre botar o dedo no gatilho. **Revista do Brasil**. Rio de Janeiro: nº 2, p. 20-27, 1984.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão**. 2ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

ROSA, Nocolás. Los fulgores del simulacro. **Cuadernos de Extensión Universitaria**. Santa Fé, nº 15, p. 10-12, 1987 (Série Ensayo)

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978. Capítulo 1: O entre-lugar do Discurso latino-americano, p. 11-28.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolsco dos. **Nas malhas da rede**: uma leitura crítico-comparativa de Julio Cortázar e Virginia Woolf. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

SARLO, Beatriz. **Una modernidad periférica: Buenos Aires – 1920 y 1930**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.

SOLA, Graciela de. **Julio Cortázar y el hombre nuevo**. Buenos Aires: Sudamericana, 1968.

SZPUNBERG, Alberto *et al.* Primer año sin Julio. **El Periodista**. Buenos Aires, n. 22, p. 36-39, 14 fev. 1985.